

ARTIGO MESTRE

Desdobramentos da Pandemia da COVID-19 e o Radar da Produção Literária Brasileira Contemporânea

Developments of the COVID-19 Pandemic and the Radar of Contemporary Brazilian Literary Production

Ana Paula Franco Nobile Brandileone¹

RESUMO: Este artigo faz parte de um projeto maior de pesquisa intitulado “A literatura brasileira contemporânea em tempos de pandemia”, cujo objetivo central é mapear e analisar a produção literária brasileira contemporânea, que tome como objeto de representação aspectos da vida humana relativos à pandemia do Coronavírus. Nesse contexto, a proposta deste artigo objetiva evidenciar, de um lado, o impacto e os desafios gerados pela pandemia, que atingiu a todos, sem distinção e, de outro, desvelar a fertilidade de autores e de obras que buscam traduzir a experiência humana em tempos de pandemia.

ABSTRACT: This article is part of a larger research project entitled “Contemporary Brazilian literature in times of a pandemic”, whose main aim is to map and analyze the contemporary literary production, which takes as an object of representation aspects of human life related to the Coronavirus pandemic. In this context, the purpose of this article is to highlight, on one hand, the impact and challenges provoked by the pandemic, which affected everyone, without distinction, and, on the other hand, to reveal the fertility of authors and titles that seek to translate the pandemic period.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia do Coronavírus; impacto e desafios; produção literária brasileira contemporânea.

KEYWORDS: Coronavirus Pandemic; impact and challenges; contemporary Brazilian literary production.

¹Doutora, Professora Associada da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus Cornélio Procópio/Paraná.

1. Pandemia: o vírus por toda parte

O mundo mudou para sempre. Apesar de apocalíptico, o enunciado expressa uma percepção que tem ganhado cada vez mais sentido. No momento em que escrevo, junho de 2022, a média móvel de novos casos de COVID-19 aumentou em 24 Estados e no Distrito Federal, crescendo em 100,3% se comparada a duas semanas atrás; voltou aos níveis do fim de março. Especialistas atribuem a nova onda à flexibilização na proteção, à estagnação e à desigualdade regional da vacinação, bem como ao frio (FERRARI, 2022, A17). Indicam, porém, que os casos podem estar subnotificados por causa de autotestes e falhas na divulgação de dados pelos Estados. Nesta perspectiva, ao que parece, a epidemia não é um fenômeno que explodiu e que passará, mas algo que permanecerá, trazendo medo e fragilidade permanente às nossas vidas. Em 2020, o filósofo Slavoj Žižek já sinalizava para essa possibilidade: “[...] a primeira coisa a admitir é que a ameaça veio para ficar: mesmo se essa onda recuar, ela voltará a surgir de novas formas, talvez até mais perigosas” (2020, p.45).

A ruptura traumática provocada pelo novo vírus colocou homens e mulheres de diferentes nacionalidades, *status*, etnias e religiões “no mesmo barco”, enfrentando um inimigo invisível cujo poderio catastrófico lhes exigiram uma reavaliação dos padrões de convívio até então vigentes na sociedade, trazidos pelo isolamento social e, em última instância, pela distância física entre os corpos. Mas não foi apenas isso. A pandemia (re)acendeu um alerta que, possivelmente, tínhamos esquecido, dado o nosso domínio em (quase) todas as esferas do conhecimento: a de que o ser humano continua sendo mais uma das espécies vivas do planeta, ou como quer Žižek, “Na ordem mais ampla das coisas, somos uma espécie sem importância” (2020, p.32). Afirmção esta que se inscreve na noção de nossa finitude, fragilidade e impotência diante de uma força (in)visível que se alastra e engole a todos nós: “[...] precisamos suportar o fardo de lidar com nossa

mortalidade, e nossa transitoriedade como indivíduos”, alerta o historiador Noah Harari (2020, p.56).

Por isso, não são poucas as lições a serem tiradas dessa crise, diante da qual nenhum país esteve imune. Muitas, entretanto, suscitam controversas, uma vez que dispositivos sanitários e outras ações para controle do vírus imputados para sobrevivência coletiva não puderam ser adotados por todos. É o caso do trabalho remoto, que começou como um paliativo ao trabalho presencial e, possivelmente, será permanente para alguns setores. Segundo várias pesquisas sobre o tema, ao menos um terço das empresas pretende manter, integral ou parcialmente, o trabalho remoto. Ao mesmo tempo, a maioria dos trabalhadores deseja continuar trabalhando exclusivamente em *home office* ou ir só de vez em quando ao local de trabalho (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2021, B4). Neste contexto é que as reuniões por videoconferência tornaram-se uma ferramenta indispensável em todas as frentes de trabalho, pois, além de encurtar distâncias, proporcionar economia de tempo e aumentar a produtividade, também trazem economia de custos substancial. O uso da tecnologia tem favorecido, ainda, a participação de muitos profissionais em cursos, seminários e/ou palestras transmitidos pela internet ou gravados para serem compartilhados, permitindo que determinada apresentação possa ser acessada de qualquer lugar, a qualquer hora, amplificando o seu alcance.

É preciso lembrar, no entanto, de que nem todos têm as mesmas condições sociais de colocar em prática esse “novo normal”, trabalhando em casa em regime de *home office* e receber parcial ou integralmente seus salários. Os mais pobres, trabalhadores informais e/ou desempregados, são pressionados a sair de suas casas para trazer o sustento diário. Neste deslocamento, ficam expostos à contaminação, sobretudo quando precisam se valer dos meios de transporte coletivo, os quais, além de estarem sempre superlotados, frequentemente não dispõem de um sistema de ventilação adequado. Neste contexto parece ter sido demais exigente requerer que as proteções sanitárias – a distância social, a circulação em ambientes arejados, a lavagem das mãos e o uso permanente de máscaras –

tenham sido respeitadas e cumpridas. Em um momento em que a higiene constante das mãos ainda é um dos poucos aliados para combater o vírus, a falta de saneamento básico e água tratada para muitos, ao redor do mundo, também salta aos olhos.

Assim, não obstante as dimensões do vírus e da pandemia ter o potencial de atingir a todos, sem exceção, existe, efetivamente, uma relação entre a precariedade/desigualdade social e a contaminação pelo vírus; pressuposto que atinge não apenas a sociedade brasileira (BIRMAN, 2020, p.95-96). Democrático de um lado, mas “elitista” de outro, segundo o psiquiatra Joel Birman (2020), o vírus escancarou as fissuras sociais, dadas as diferentes situações concretas de existência social, econômica e habitacional. Não por acaso, afirma o psicanalista, a maioria dos infectados e mortos no Brasil se concentra nas periferias das grandes cidades e nas favelas, isto é, nas classes sociais mais precarizadas.

Nessa linha de reflexão, é notório, sobretudo nos grandes centros urbanos brasileiros, o aumento da população que passou a viver nas ruas, devido à perda ou à precariedade do emprego, à falta de renda digna e/ou por ainda não terem recebido contribuições governamentais (BIRMAN, 2020, p.19). Se os dados usados por Birman e noticiados pelo jornal O Globo são de junho de 2020, informações mais recentes indicam que, só na capital paulista, segundo Censo da população em situação de rua da prefeitura de São Paulo, o número de pessoas nestas condições saltou de 20% em 2019 para 28.6% em 2021, sendo que as moradias improvisadas cresceram 230%, ou 3,3 vezes, entre 2019 e 2021 (GONÇALO JUNIOR, 2022, A18). Por isso, segundo Harari (2020, p.86), “[...] a Covid-19 não representa apenas uma crise de saúde. Dela resulta uma grande crise política e econômica”.

Na educação, a situação não foi diferente. O isolamento social e o fechamento de serviços não essenciais, como foi o caso de escolas, direcionaram o mundo para um atraso educacional inesperado e dependente, sobretudo, das tecnologias contemporâneas para retardar o colapso acadêmico. Por isso, as aulas *online* tornaram-se uma realidade para muitos alunos, professores e instituições de

ensino. Mas não para todos os alunos, professores e instituições de ensino. Alguns, cujas famílias e escolas possuíam estrutura e instrumentos adequados, apesar dos desafios trazidos no processo de ensino e aprendizagem, seguiram com o ensino à distância. Os demais alunos, principalmente de escolas públicas e sem condições financeiras para arcar com internet e aparelhos eletrônicos, sofreram com o descaso das instituições governamentais, aumentando o fosso da desigualdade social. Ainda que as instituições de ensino, públicas e privadas, tenham voltado a atuar presencialmente, são muitos os desafios a serem enfrentados, desde mobilizar ações para combater o déficit educacional e a evasão gerados pela pandemia até promover o desenvolvimento socioemocional impossibilitado pelo isolamento social e distanciamento escolar; acolhimento necessário devido às experiências de luto vivenciadas por muitos de nós.

Os hábitos relacionados ao consumo também foram modificados. Com o fechamento do comércio durante a quarentena, a forma de comprar e vender se tornou quase 100% digital. Basicamente, apenas os hiper e supermercados, além do pequeno varejo de alimentos, mantiveram as portas abertas na fase mais crítica do isolamento social. Mesmo assim, muitos consumidores preferiram fazer as compras *online* e as empresas tiveram de se desdobrar para atendê-los. Com a reabertura do comércio, as lojas de rua, que vinham perdendo espaço nos últimos anos, ganharam novo impulso. Uma parcela de consumidores tem dado preferência a este tipo de varejo, o qual pode atender os clientes na calçada, se for o caso, em vez dos shoppings, que são locais fechados e favorecem aglomerações (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2021, B8). Ao mesmo tempo, o *delivery* ampliou sua participação nas vendas e se sofisticou, conquistando uma nova clientela. Mesmo depois da reabertura de bares e restaurantes para atendimento presencial, muita gente ainda não se sente segura em fazer as refeições em ambientes fechados e, frequentemente, com clientes sem máscara. Por isso, é provável que o *delivery* continue a turbinar o faturamento, contribuindo para garantir a sobrevivência dos estabelecimentos.

Hábitos, no entanto, que pareciam consolidados, principalmente nas grandes cidades, retrocederam. A pandemia provocou uma inversão radical de comportamento em relação à mobilidade. Ao contrário do que acontecia antes, quando se observava uma tendência de aumento no uso do transporte coletivo, de aplicativos como o *Uber* e até veículos compartilhados, o interesse pelo carro próprio voltou a crescer (*Ibidem*). Termômetro disso é que segundo informações da Federação Nacional de Distribuidores de Veículos (FENABRAVE), a venda de veículos registrou a oitava alta mensal consecutiva em novembro, apesar de o resultado acumulado no ano ainda ser 7,1% menor do que no mesmo período de 2019. Em outros países, a tendência é semelhante. De acordo com uma pesquisa feita pela consultoria francesa Capgemini com 11 mil pessoas de 11 países, 35% dos entrevistados disseram que queriam comprar um carro novo no ano passado. Na China, epicentro da crise, um levantamento feito pelo Instituto Ipsos mostrou que 66% dos chineses que não têm veículo próprio querem comprar um, quase o dobro do índice registrado antes da crise. O carro virou até opção de entretenimento, com o renascimento dos cinemas *drive-in* (*Ibidem*).

Para muitos, a pandemia trouxe, ainda, a oportunidade para refletir sobre a vulnerabilidade humana ou ainda para rever e/ou dispensar o supérfluo e a reconhecer e a privilegiar o essencial. Expectativa que encontra eco no sociólogo Domenico de Masi, autor de *O ócio criativo*, para quem o vírus “[...] está nos ensinando que o consumismo é um vírus pior ainda, que nos faz perder o sentido do necessário para nos impor o do supérfluo. [...] Está nos ensinando que, para satisfazer as necessidades radicais, não precisamos ter dinheiro, mas de sentido de humanidade” (DE MASI, 2020, H8). Na mesma perspectiva está a polonesa Olga Tokarczuk, prêmio Nobel de Literatura de 2018, para quem a humildade é o grande aprendizado desses tempos: “[...] estamos aprendendo a humildade [...]. O ser humano esqueceu sobre a humildade diante da natureza, diante das forças maiores que ele mesmo. Impelido pela inacreditável soberba, destruiu muito ao seu redor: seres vivos, meio ambiente, paisagem [...]” (TOKARZCZUK, 2020, H1). Já

para Mia Couto, quando perguntado, em entrevista concedida a O Estado de São Paulo, se após a pandemia a humanidade será mais solidária, se haverá mais materialismo ou transcendentalismo, o escritor moçambicano respondeu:

Não sou muito otimista em relação a uma mudança total. Não iremos despertar amanhã, no final desse surto epidêmico, com uma mentalidade coletiva nova. Tenho dúvidas das mudanças que se alcançam por via do medo. Gostaria, no entanto, de acreditar que haverá lições importantes: por exemplo, uma percepção mais clara da importância do Estado, dos sistemas públicos de saúde e de educação, do ideal da cooperação solidária em vez da competição e da exclusão. [...]. Não será por causa da medicina privada, inspirada no capitalismo selvagem, que nos iremos proteger nem esta pandemia nem em nenhuma outra situação de sofrimento. (COUTO, 2020, H1).

Nesta esteira de reflexão, Zizek (2020), explorando o domínio sensível da crise provocada pela pandemia, acredita ser possível retirar dessa visão de pesadelo “uma perspectiva emancipatória inesperada”. Postulando a garantia inegociável da liberdade individual que, na sociedade chinesa, teve sua liberdade de pensamento, de crítica e de reunião estranguladas por uma ideologia oficial, associado ao desaparecimento de personalidades públicas cujas opiniões iam na contramão das diretrizes do Estado, o filósofo esloveno reivindica a “reinvenção do comunismo”. Para ele, seria preciso absorver o golpe viral na forma de uma mudança paradigmática nas relações humanas, construindo redes horizontais de trabalho e ajuda mútua que reforçasse a confiança coletiva nas autoridades e vice-versa.

Mas a “reinvenção do comunismo” não se restringe aos parâmetros chineses, como aponta o autor. Por apresentar-se enquanto um divisor de águas nas sociedades ocidentais como um todo, o vírus levou-as a repensar as “verdades” cristalizadas pela economia de mercado e pelo seu corolário de exploração humana e ambiental. Assim, trata-se de reimaginar a lógica igualitária e distributiva do comunismo a partir de sentimentos humanos que foram liberados na crise:

solidariedade, reciprocidade e humanismo. De acordo com o filósofo esloveno, o planeta experimenta um evento catastrófico que não pode ser combatido de forma individualista e rasteira. “Reinventar o comunismo” significa, assim, mover o pêndulo da lógica capitalista para um sistema de viés colaborativo e de apoio mútuo, ciente da urgência de superar a “máquina de governos individuais”. O confronto entre os imperativos da vida e da economia, escancarado pela lógica da “sobrevivência do mais apto”, deve, desse modo, ser atacada para que o “rosto humano da barbárie” dê lugar à humanidade e em prol da sobrevivência coletiva.

Esta mesma discussão encontra lugar em Harari, que defende que os cuidados com a vida humana sejam reforçados por meio da cooperação em âmbito global: “Os países precisam compartilhar informação confiável não apenas sobre questões médicas específicas, mas também sobre uma ampla gama de outros assuntos – do impacto econômico da crise à condição psicológica dos cidadãos” (HARARI, 2020, p.91). Deste modo, a desunião deve dar lugar à união mundial: “Acho que o pior é a desunião que vemos no mundo. A falta de cooperação, de coordenação entre países diferentes, e a falta de confiança não só entre países, mas também entre a população e o governo” (*Ibidem*, p.62).

Por isso, afirma Zizek, estamos enredados em uma crise tripla: médica (a epidemia em si), econômica e mental, sendo que esta última, como o autor alerta, não deve ser subestimada. Dado o abatimento, estresse e medo catalisado nos primeiros meses da pandemia, a ONU chegou a emitir um alerta no mês de maio de 2020, informando que se a situação de isolamento social se prolongasse desencadearia uma grande crise de problemas psicológicos. Estudo da Universidade do Rio de Janeiro, igualmente publicado em maio de 2020, trouxe à tona a condição psicológica gerada pela pandemia: os casos de ansiedade e estresse tinham mais do que dobrado no país desde o início da pandemia, enquanto os de depressão, aumentado em 90% (WOLF, 2020, H1). Para os especialistas consultados àquela altura pela reportagem, os números não eram

uma surpresa, já que certos níveis de sofrimento, ansiedade e depressão retratavam o momento em que se vivia (vive?).

Considerando este pano de fundo, ganha sentido os cinco estágios da pandemia apontados por Zizek (2020), inspirado pelas contribuições de Elisabeth Kübler-Ross, psiquiatra que descreve os estágios da descoberta de uma doença terminal. Adaptando para a pandemia, o autor elenca a negação (rejeição populista da pandemia), a raiva (identificação do bode expiatório), a negociação (tentativa de minorar os danos), a depressão (abatimento pelo estado real das coisas) e, por último, a quinta fase desse confronto, a aceitação. A aceitação, segundo o filósofo, pode assumir duas direções:

Ela pode significar simplesmente a renormalização da doença, como quem diz: “Ok, as pessoas vão continuar morrendo, mas a vida vai seguir, talvez, até haja alguns efeitos colaterais positivos”. Ou a aceitação pode (e deve) nos estimular à mobilização, sem pânico e sem ilusões, para agir em solidariedade coletiva (ZIZEK, 2020, p.39).

Mas mesmo que se busque autocontrole, são recorrentes as alterações de ânimo e a intensificação de ansiedades por causa da pandemia. Não é de se estranhar, portanto, que a própria relação das pessoas com a fé seja afetada. Em alguns casos, os sentimentos de vulnerabilidade e de fragilidade diante da pandemia podem levar alguns indivíduos a questionar as suas convicções. Em outros casos, podem fazê-los buscar meios para fortalecê-las. Entre especialistas, como a psicanalista Danit Zeava Falbel Pondé, o coronavírus não tem um sentido por si próprio; são os seres humanos que têm a capacidade de dotá-lo de significado, dada a “[...] nossa capacidade de construir um mundo interno” (CORRÊA, 2020, H1). Habilidade que envolve uma outra capacidade: a de saber conviver com as dúvidas que surgem em momentos incertos. Para Andrei Venturini Martins, mestre em ciências da religião e doutor em filosofia, as pandemias sempre foram um momento de um índice muito alto de conversões. Isso porque com o advento da ciência, a humanidade acreditou na sua autossuficiência, como se o seu

avanço tivesse se desvinculado da natureza. A perspectiva de Pondé é similar: “O nosso erro foi acreditar na idade da razão, que o homem moderno daria conta de tudo e que não haveria nada que nos abalasse por termos a ciência como escudo” (PONDÉ *apud* CORRÊA, 2020, H1).

2. Escritores e produtores culturais: radares da experiência humana

Nesse contexto de incertezas e suspensões, escrever foi uma saída para externalizar sentimentos e preocupações desses tempos tão difíceis. Foi pensando nisso que o Museu da Língua Portuguesa lançou, no dia 13 de julho de 2020, o projeto virtual “A Palavra no Agora”. O objetivo foi ajudar pessoas a lidar com sentimentos decorrentes da pandemia a partir de exercícios da escrita. O *site* (<agora.museudalinguaportuguesa.org.br>) propôs que os internautas escrevessem sobre suas vidas antes da quarentena e a respeito dos sentimentos atuais. O trabalho foi realizado com o apoio de professores do Laboratório de Estudos do Luto (LELu), da PUC-SP, do Laboratório de Processos Psicossociais e Clínicos no Luto (LAPPSILu), da Universidade Federal de Santa Catarina, da Faculdade Cásper Líbero, da InternetLab, além de psicólogos e arteterapeutas. O programa surgiu da constatação dos múltiplos prejuízos causados pelo coronavírus como o isolamento social e os traumas relacionados à perda de pessoas queridas, além da impossibilidade de realização dos rituais tradicionais de luto. O projeto também disponibilizou trechos de obras literárias, além de resenhas de filmes e livros que abordassem o sentimento de perda (TUCHLINSKI, 2020, H7).

A possibilidade de o indivíduo conectar-se com a arte pode também ser uma boa forma de, mesmo confinado, ampliar os horizontes. Com este objetivo, diferentes iniciativas apostaram tanto no incentivo à produção de artistas quanto na divulgação de suas obras pela internet; vias para que o público pudesse encontrar novos estímulos aos desafios impostos pela pandemia. Idealizada por três publicitários espanhóis, Emma Calvo, José Guerrero e Irene Llorca, a página do

Instagram “The Covid Art Museum” (@covidartmuseum), no ar desde 19 de março de 2020, tem como critério de seleção obras produzidas no período de quarentena e que tragam à tona sentimentos e pensamentos sobre o que todos estão vivendo e sentindo. São aceitos trabalhos de ilustração, fotografias, pinturas, desenhos, colagens, vídeos, entre outros. Com proposta semelhante, Luiza Lorenzi Adas usou os recursos do *Instagram* para criar a página “Museu do Isolamento Brasileiro” (@museudoisolamento), que busca difundir obras produzidas por artistas de todo país durante a quarentena. O Museu mescla diferentes tipos de arte, como imagens digitais, fotografias e pinturas em aquarelas.

Dada a necessidade do isolamento, concursos literários, de ilustração e de fotografia também migraram para o formato *online*. O Sesc 24 de Maio, por exemplo, transpôs para a sua página no *Instagram* o projeto “Batalha de Ilustradores”, que costumava ocorrer no Espaço de Tecnologia e Artes da unidade em São Paulo. A cada semana, artistas profissionais e amadores foram desafiados a criar uma ilustração a partir de um tema, que deveria ser compartilhada com a *hashtag* #batalhadeilustradores24 em postagens, marcando também a página @sesc24demaio.

A feira ArtRio também apostou em concursos *online*. Por meio de chamadas abertas em seu *Instagram* (@arrio_art) promoveu a Mostra Fotográfica Retratos da Quarentena, que contou com duas edições. A proposta foi incentivar fotógrafos amadores e profissionais a produzir registros das mudanças no cotidiano geradas pela pandemia.

Tendo como mote a pandemia, documentários, filmes e séries também atravessaram a TV aberta ou as plataformas de *streaming*. Antes, porém, quando a pandemia foi declarada, em março de 2020, inúmeras produções interromperam as gravações como forma de prevenção da propagação da doença. Foi o que aconteceu com as séries *Grey's Anatomy* e *This Is Us*, por exemplo, que não só retomaram as gravações, como também incluíram o coronavírus em suas histórias. Alguns documentários importantes foram criados para conscientizar a população

sobre a doença, como *Coronavírus - A História Não Contada*, dos Estados Unidos, e *A Corrida das Vacinas*, produção brasileira.

Em *A Conta Fica para a Juventude*, de 2021, documentário de curta-metragem produzido pela Oxfam Brasil e TV Doc Capão, são apresentados relatos de jovens da periferia de São Paulo, que revelam as suas angústias e expectativas frente à pandemia. Também de 2021, *Saúde sem máscara* é um documentário gerado a partir da pesquisa “Monitoramento da saúde, acesso aos EPIs de técnicos de enfermagem, agentes de combate às endemias, enfermeiros, médicos e psicólogos, no município do Rio de Janeiro em tempos de Covid-19”, financiada pelo edital Inova Fiocruz. O documentário desvela o enfrentamento da pandemia por parte dos profissionais da saúde.

Também a série médica brasileira *Sob Pressão*, que conta com os atores Marjorie Estiano e Júlio Andrade no elenco, ganhou uma temporada especial em 2021, dedicada exclusivamente à pandemia. Já a série estadunidense *Distanciamento Social*, lançada ainda no início da pandemia, traz oito histórias diferentes decorrentes do “novo normal”: as aulas virtuais, os problemas de convivência, como lidar com pacientes isolados por estarem com a COVID-19, entre outras questões. Original da Netflix, a série *Explicando*, também estadunidense, traz três episódios com informações relevantes sobre a pandemia da COVID-19. Enquanto o primeiro episódio aborda como o coronavírus transformou o mundo em uma pandemia, o segundo trata sobre o desenvolvimento emergencial de uma vacina para prevenir a doença e, o terceiro, aborda as consequências psicológicas provocadas pelo vírus, o qual deixou o mundo inteiro com sensação de medo e impotência.

Para falar sobre o assunto de forma mais leve, mas sem banalizá-lo, surgiram especiais de humor, como *5x Comédia*, do Amazon Prime Video, no qual se acompanha cinco histórias de diferentes pessoas, entre família, amigos e casais, que também estão na batalha de manter a sanidade durante o isolamento social. Em *Diário de um Confinado*, do Globoplay, o ator Bruno Mazzeo é Murilo, um

homem na faixa dos 40 anos, de classe média, que tenta, dia após dia, manter a sanidade em meio ao confinamento. A atração conta com duas temporadas com doze e sete episódios, respectivamente. Já o filme *Songbird* retrata um futuro nada distante, o ano de 2022, no qual o vírus tornou-se ainda mais resistente e contagioso, levando à morte grande parte da população. Por conta de o filme tratar de uma realidade próxima, teve repercussão negativa junto ao público.

Artistas em geral – escritores, compositores, músicos – têm agido e reagido de formas diferentes neste período de pandemia. Há quem esteja paralisado em seu processo de criação. Mas há também quem busque refúgio e força para enfrentar essa fase árida. A convite de *O Estado de São Paulo*, Zélia Duncan, Zeca Baleiro, Roberta Campos, Sérgio Brito e Francis Hime responderam perguntas sobre os efeitos da pandemia nos processos de criação e composição musical. Sem exceção, todos confessaram estarem se dedicando à música, com canções que, embora não tratem especificamente desses tempos, retratam a gangorra de sentimentos provocada pela quarentena e que se traduziu em músicas de amor, de teor melancólico ou mesmo mais otimistas e esperançosas (DEL RÉ, 2020, H1). Também motivada pelo misto de sentimentos desencadeado por essa fase, Adriana Calcanhoto elaborou seu novo disco, *Só*, composto, produzido e mixado entre 27 de março e 08 de maio de 2020; processo inédito na trajetória da cantora e compositora, que habitualmente se debruça por um longo tempo sobre um novo trabalho (DEL RÉ, 2020, H7). Já Pedro Camargo Mariano, mergulhado na incerteza do porvir, lançou em maio de 2022, o álbum *Novo Capítulo*, com 11 canções inéditas (MARIA, 2022, C1).

No caso da literatura, o confinamento que, para alguns, pode ter surgido como um refúgio ou antídoto para a falta de tempo, revelou-se, para outros, um tempo que não favorece a criação. Entre o medo do vírus e a necessidade de transportar para a literatura a agonia do mundo lá fora, escritores e escritoras desenvolveram formas de se adaptar ao novo *modus operandi* de criar. A receita é que, na verdade, não existe receita alguma. Para Mia Couto, por exemplo, a criação

artística não encontra ambiente propício para se desenvolver. Segundo o escritor moçambicano, a produção literária, se realizada, pode ser forçada, e o tempo, demasiado cruel, para que possa pensar nesse drama em termos literários:

Tenho quase pudor por pensar nesses termos com essa tragédia. Aconteceu o mesmo com a guerra. [...]. Depois, sucedeu. [...]. Pode ser que relatos dessa pandemia venham a funcionar como inspiração. Mas agora sou apenas um cidadão que se junta à luta pela prevenção da epidemia (COUTO, 2020, H1).

Se para alguns o vazio é a ausência do que dizer, para outros, é força motriz. É o caso do escritor português Gonçalo M. Tavares que usou da intranquilidade causada pelas circunstâncias brutais da doença para criar um dos seus projetos mais ambiciosos, o *Diário da Peste*. Publicado originalmente como coluna em diversos jornais, de março a junho de 2020, o livro de crônicas é um retrato do que o autor testemunhava todos os dias. Sem conseguir ler ou escrever ficção, só lhe restou mergulhar no que estava ao alcance dos olhos. Também publicado em 2021, *Notas sobre o luto*, da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, é um relato não apenas sobre a dor da perda provocada pela morte do pai durante a pandemia, mas também sobre a memória e a esperança que permanecem com aqueles que ficam.

Na esfera ficcional, outros escritores também se sentiram motivados a escrever. Criatividade em alta, o isolamento provocado pela pandemia ofereceu um inesperado tempo de reflexão e criação, como comprovam quatro autores que, a convite de *O Estado de São Paulo*, criaram histórias ficcionais sobre a pandemia e seus impactos na vida da humanidade. Juntos, oferecendo visões incertas, mas também esperançosas, são eles, Carol Bensimon com o conto “As ruínas mais bonitas”, Javier Arancibia Contreras, com “Fel”, Veronica Stigger, com “Aurora”, e Pedro Bandeira, com “O bicho-vírus”. Os contos foram publicados no dia 19 de abril de 2020, no encarte “Quarentena” do jornal.

Obra de maior fôlego, publicado primeiramente *online*, no final de abril de 2020 e agora também disponível em formato físico, *Ana de Corona*, de Gisele Mirabai, é o seu quinto livro da autora. O romance conta a estória da ambientalista Ana, que passa por uma inflexão que envolve o corte de sua bolsa de pesquisa pelo governo, o casamento, a família, uma nova paixão e a pandemia. Da escrita à publicação foram 19 dias. Também procurando no presente a matéria da sua poesia, Lucas Lins concluiu, em maio de 2020, uma série de poemas intitulado *Poesia para matar o Corona*. Compartilhados via *Instagram*, os poemas narrativos abordam o cotidiano de uma quarentena em São Paulo. Combinando poesia e dramaturgia, *Parêntesis*, de Felipe Franco Munhoz, publicado em 2020 no jornal *O Estado de S. Paulo*, foi registrado em performance audiovisual homônima. Dirigido por Natália Lage, com trilha sonora original de André Mehmari, o curta-metragem foi exibido no *Nepal International Film Festival*, no CICA Museum (Coreia do Sul), entre outros, e integra seu terceiro livro, *Lanternas ao nirvana*. O texto conta a estória de um casal que se forma a partir de interações ocorridas da janela do apartamento de cada um deles. O recém publicado livro do autor, editado pela Editora Record, foi igualmente movido pela pandemia. O poema “Segundo andar: defrente estou”, por exemplo, reproduz um olhar de quem acreditava que o confinamento seria passageiro, ou seja, de quem não era capaz de compreender a dimensão do futuro próximo (BRASIL, 2022, C5).

Décimo terceiro livro de Bernardo Carvalho, publicado pela Companhia das Letras, em 2021, *O último gozo do mundo* narra a jornada da protagonista que, com o filho pequeno, põe-se em retirada para o interior do Brasil. Lá, mora um homem que passa a prever o futuro depois de ter sobrevivido ao coronavírus. Entre lembranças obliteradas, encontros e desencontros e , vidas, até então previsíveis, mas modificadas radicalmente, um rastro de perplexidade e de perguntas sem respostas vai sendo deixado para trás. *Extinção das abelhas*, de Natalia Borges Polesso, também publicado pela Companhia das Letras, em 2021, narra um mundo em colapso, sem comida, remédio ou dignidade, numa perspectiva distópica. Mas

é, também, um romance sobre a relação de uma filha com a mãe, sobre solidão, liberdade e sobre novas possibilidades de encontro. Em *O riso dos ratos*, de Joca Reiners Terron, igualmente publicado em 2021, pela Editora Todavia, o leitor acompanha o desmoronamento do mundo de um homem sem nome, obcecado em vingar-se do algoz de sua filha.

Com organização de Cristina Judar e Fred di Giacomo, *Pandemônio: nove narrativas entre São Paulo e Berlim* foi lançado *online* no dia 23 de julho de 2020. A coletânea traz contos de autores como Aline Bei, Jorge Filholini, Raimundo Neto, Carola Saavedra, Carsten Regel, Alexandre Ribeiro e Karin Hueck, além de Cristina e Fred. A ideia foi criar uma ponte cultural e retratar, por meio da ficção, as realidades de enfrentamento do coronavírus nas duas cidades. A antologia está sendo traduzida para o inglês. Pela editora Palavra Bordada, também foi publicado o livro *Quarentenas: textos de uma quarentena criativa*. Em formato de *e-book*, a publicação reúne contos e crônicas assinados por 41 autores, muitos estreados.

Outra editora, Oficina Raquel, convidou 40 autores e autoras para realizarem a transposição artística da temática. Dividida em cinco partes – “Fim”, “Medo”, “Solidão”, “Amor” e “Começo” –, *Quarenta em quarentena* traz contos que abordam a finitude e a tristeza, mas também a esperança e o afeto. Escritas no calor da hora, mas em estágios diferentes da pandemia, a primeira parte, “Fim”, aponta para o paradoxo simbólico da tragédia humanitária vivida. De forma simbólica, autores como Godofredo de Oliveira Neto, Gonçalo M. Tavares, Jeferson Tenório, Jorge Marques, Marcos Pasche, Marisa Oliveira, Pedro Eiras e Thiago Carbonel tratam de fins não apenas físicos, mas também de sonhos, crenças e ilusões. “Medo”, a segunda parte da coletânea, aborda o sentimento que, segundo Drummond, “esteriliza os abraços”, e dá a tônica dos textos engendrados por Beatriz Roscoe, Cidinha da Silva, Divanize Carbonieri, José Roberto Torero, Luciano Nascimento e Luiz Guilherme Barbosa. “Solidão” é o tema da terceira parte do livro, que traz textos de Adriana Armony, Anna Maria Mello, Dani Balbi, Flávia Six, Júlio Emílio Braz, Leonardo Neto, Luis Maffei, Luiz Roberto Guedes, Rogério Athayde, Silvano

Santiago e Silvia Barros. Denominada “Amor”, a quarta parte do livro apresenta o sentimento em todas as suas variações – amor filial, fraternal, sexual. Aqui, entram em cena histórias de André Argolo, Camila Perlingeiro, Erika Takimoto, João Pedro Fagerlande, Monique Brito, Patrícia Nogueira, Ramon Ramos e Sonia Rosa. O livro termina com “Começo”, que marca o tom otimista da coletânea, com textos de Alex Castro, Anna Claudia Ramos, Antônio Schimeneck, Henrique Rodrigues e Luciany Aparecida. O volume, iniciado e encerrado por incursões poéticas, traz contribuições de Maria Teresa Horta e Leonardo Tonus.

Com a organização de Mauro Paz, a antologia *Contos de Quarentena*, em formato de *e-book*, reúne 24 autores brasileiros, que tratam da pandemia por caminhos diversos. Caminhos cheios de amor, de mistério, de humor, mas, principalmente, cheios da principal arma da literatura contra a escuridão daqueles que enxergam números onde deveriam ver pessoas: a compaixão. Entre os autores estão Ana Squilanti, Camilla Loreta, Camilo Gomide, Débora Ferraz, Eltânia André, Helena Terra, Henrique Balbi, Jeferson Tenório, Jéssica Cardin, Marcelo Ariel, Marcelo Conde, Marcos Vinícius Almeida, Maria Fernanda Elias Maglio, Mariana Carrara, Mauro Paz, Mayara Floss, Natalia Timerman, Rodrigo Novaes de Almeida, Rodrigo Tavares, Ronaldo Cagiano, Tiago Germano, Tobias Carvalho, Vera Saad e Walther Moreira Santos.

Também publicado em *e-book*, *Quatro contos de quarentena* é a reunião de quatro narrativas curtas ambientadas no período de isolamento social, escritas por Anderson Bernardes, João Francisco de Borba, Martha Wibbelt e Samantha Buglione em 2020. *Amores em quarentena*, editada igualmente em *e-book* no ano de 2020, é uma coletânea de 10 contos, que traz histórias de amor, solidão, compaixão, tolerância, perda, ferra e medo, mas, sobretudo, esperança. Escritos por Marcelo Damaso, Ana Rüsche, André Takeda, Caco Ishak, Edyr Augusto, Estrela Leminski, Patrícia Rameiro, Rochele Bagatini, Toni Moraes e Vladimir Cunha.

Colada em sua matriz de inspiração, *Quarentena: contos isolados*, de Maurizio Ruzzi, foi publicada em setembro de 2020, pela Skull Editora. Outra coletânea de

contos editada é *Retratos da Vida em Quarentena*. Organizada por Rodrigo Rosp, Barbara Kraus e Gustavo Faraon, a obra é resultado de uma chamada pública de textos lançada pelas editoras Elefante e Dublinense, em março de 2020, quando a COVID-19 começava a se espalhar pelo país, levando boa parte da população ao isolamento social e, outra boa parte, ao risco da labuta diária fora de casa, em plena pandemia. Tendo recebido mais de 1000 textos, 19 foram selecionados para compor o livro. Dentre os critérios de seleção estavam ser em prosa, escrito em primeira ou terceira pessoa e em língua portuguesa por brasileiros e brasileiras (ou estrangeiros e estrangeiras residentes no Brasil) e, evidentemente, que figurasse a experiência de atravessar a pandemia do coronavírus.

Em 3 volumes, *Contos da quarentena* reúne os melhores contos, todos finalistas do Concurso de Contos realizados pela TV 247. Publicados em outubro de 2020, pela Kotter Editora, os contos foram extraídos de um universo de 1.708, os quais foram escolhidos por um júri coordenado por Sálvio Nienkötter, que contou com alguns dos nomes mais proeminentes da literatura nacional, como Luiz Rufatto, Ricardo Aleixo e Marcos Pamplona, sendo que a seleção final ficou a cargo de Raul K. Souza, Daniel Osiecki e novamente Marcos Pamplona.

Publicada em 2020, em formato *e-book*, pela Editora Unifebe, e organizada por Elisiane Mafezolli, Gisele Buss Alberton, Luana Franciele Fernandes Alves, a coletânea *Contos da Quarentena* é fruto do “Concurso Cultural Poesia Urbana” que, promovido pelo Centro Universitário de Brusque (UNIFEBE), propôs como tema central da 6ª. edição, “A Quarentena”. Os 54 contos selecionados foram agraciados com menção honrosa e estão publicados no *e-book*. Já os 10 melhores contos também foram publicados no jornal *O Município*, de Brusque, na edição impressa do dia 11 de novembro de 2020. Com o mesmo título, e publicado pela Editora Terra Redonda, em 2020, *Contos da Quarenta* começou com um *post* publicado no *Facebook*, para que amigas e amigos escrevessem suas narrativas sobre a experiência inédita de aprisionamento coletivo imposta pelo novo coronavírus. Em poucos dias, 21 pessoas que se conheciam apenas virtualmente aderiram ao

projeto. Organizada por Léo Bueno, a coletânea possui 27 contos, de 21 autores. Nestas páginas, avisam o organizador e o editor, Sérgio Alli, “[...] você verá drama, humor, horror e ficção científica como modos de viver o isolamento” (2020, p.10). Três obras sob títulos homônimos e publicados no mesmo ano: termômetro do impacto causado pela reclusão de grande parte da população.

3. A literatura e a pandemia

Pelo exposto, pode-se perceber que, desde que a pandemia tomou de assalto todo o globo terrestre, o vírus se transformou em uma espécie de personagem onipresente da realidade. Não à toa, pandemia e quarentena foram alçadas como temas necessários para se discutir o lugar do ser humano no planeta. Os desdobramentos estão em toda parte. No caso da literatura, ela tem buscado, desde os primeiros dias de isolamento, investigar e interpretar essa nova configuração de realidade que surgiu de forma tão imediata e chocante. Por isso, o crítico literário Ítalo Moriconi, em entrevista ao jornal *O Globo*, entende que já é possível identificar uma “literatura de pandemia”. Ainda que seja um pouco prematuro falar em um movimento literário em torno da pandemia, uma vez que é preciso encontrar uma unidade que ultrapasse o tema puro e simples, é certo que existe certa diversidade e fertilidade de textos literários que tomam como objeto de representação aspectos da vida humana relativos à pandemia do coronavírus. Por isso, essa produção literária, elaborada no calor da hora, deve ser matéria de análise e reflexão, de um lado porque oferece diferentes perspectivas sobre a experiência humana, matéria-prima da literatura e, de outro, pela lacuna do papel da crítica literária frente a avaliação dessas obras, dada a sua recente manifestação na cena literária brasileira.

Mas, considerando que as doenças e males seguem o homem desde tempos antigos, não é de se espantar que a pandemia tenha suscitado uma fecunda produção artística, sobretudo literária, como resposta. *Decameron*, por exemplo, de

Giovanni Boccaccio tratou, em linhas gerais, sobre a realidade vivida na Europa do século XIV, inclusive durante a peste negra. Na peça *Summe's last will and testament*, Tomas Nashe, recluso no interior da Inglaterra, em 1592, traz suas observações e experiências durante o tempo de quarentena exigido também pela peste negra. Novamente no contexto da peste negra, William Shakespeare, sem poder fazer novas apresentações devido aos teatros estarem fechados, começou a escrever. Uma delas foi *Rei Lear*, apresentada para a família real inglesa em dezembro de 1606. É uma das histórias mais sombrias de Shakespeare e possui uma grande influência do período de epidemia. As epidemias frequentes de cólera na Rússia fizeram Anton Tchekhov ter tempo e inspiração suficientes para escrever alguns de seus contos mais conhecidos. Entre 1892 e 1899, ele viveu em uma propriedade de Melikhovo, onde escreveu *Ward No.6* e *O Monge Negro* (SOBRINHO JUNIOR; MORAES, 2021). *Por Quem os Sinos Dobram*, de 1940, foi a resposta de Hemingway à Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e *Hiroshima*, de 1946, o testamento de John Hershey contra a bomba atômica. Nas artes plásticas, Edvard Munch foi uma das vítimas da gripe espanhola. Morando na Noruega, decidiu fazer um autorretrato chamado "Autorretrato com a Gripe Espanhola" (*Ibidem*, 2021).

Nesse contexto é que diante do fim do mundo travestido de reinauguração e da inevitabilidade do vírus entre nós, é que o *páthos* trágico, umas das linhas dominantes da narrativa brasileira contemporânea, deixa suas marcas nesta escrita que toma como matéria-prima a pandemia e seus impactos nas dinâmicas social, política, econômica, cultural, no cotidiano e na subjetividade do indivíduo: "O trágico estabelece um efeito peculiar com o indivíduo, supera-o e traça uma relação direta com o destino" (RESENDE, 2008, p.29).

A ideia do trágico, na sua origem, vincula-se à égide da fatalidade ou da inevitabilidade que, por sua vez, associa-se a componentes externos, desencadeando o processo do destino. Além desses dois termos que definem essencialmente a concepção do trágico, está um último e terceiro fator: a vítima do destino ou personagem trágica é concebida como um herói vencido (PUPPI, 1981).

Isso quer dizer que a personagem trágica, na demiurgia do autor dramático, não é concebida para vencer, não obstante lute agonicamente contra uma força maior que pesa sobre ela. Nesse sentido, as obras aqui citadas abordam situações inevitáveis em decorrência do contexto pandêmico e, por isso, têm uma conexão imediata com o destino. Ou seja, por mais que se procure evitar o contágio pelo vírus, a humanidade está lidando com um inimigo invisível, mas que se faz paradoxalmente presente.

Por isso mesmo, o sujeito, apesar da vacina e das recomendações sanitárias, não sabe como se defender do imperativo mortal e do impasse corporal que lhe persegue, ante os quais se sente impotente e frágil. Nessa perspectiva, as obras literárias, a partir das situações narrativas vivenciadas pelos personagens, mimetizam, de forma geral, uma luta contra a qual não se vence. Pressuposto que contempla a escuridão do nosso tempo e que se inscreve nessa produção, como lembra Giorgio Agamben (2009, p.63): “[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro [...]. Contemporâneo [...] é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. Não por acaso, a pandemia produz uma série de falências, dentre elas a percepção da nossa pequenez, como apontam Harari (2020) e Zizek (2020).

Não obstante seja injusto esperar que a literatura possa compor um retrato definitivo do mundo mergulhado no coronavírus, o que fica é que diante de qualquer tragédia ela não pode recuar, nem os escritores demitirem-se do seu papel de dar a conhecer o mundo e o ser, já que a “[...] representação de uma dada realidade social e humana, faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade” (CANDIDO, 1972, p.806).

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

BANDEIRA, Pedro. O bicho-vírus. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 abr.2020. Na Quarentena, H1.

BENSIMON, Carol. As ruínas mais bonitas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 abr.2020. Na Quarentena, H3.

BERNARDES, Anderson et alii. *Quatro contos de quarenta*. Itajaí: Ipê Amarelo Editora, 2020.

BIRMAN, Joel. *O Trauma na Pandemia do Coronavírus: suas Dimensões Políticas, Sociais, Econômicas, Ecológicas, Culturais, Éticas e Científicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BRASIL, Ubiratan. Novo livro de Munhoz costura poesia e dramaturgia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 maio 2022. Cultura & Comportamento, C5.

BUENO, Léo. *Contos da quarentena*. São Paulo: Terra Redonda, 2020.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 4, n. 9, 1972, p.803-809.

CARVALHO, Bernardo. *O último gozo do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CHIMAMANDA, Adichie Ngozi. *Notas sobre o luto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CHOQUE de tecnologia no mundo profissional. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 02 jan. 2021. Economia, B4.

CONTRERAS, Javier Arancibia. Fel. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 abr.2020. Na Quarentena, H3.

CORRÊA, Júlia. Arte em rede: iniciativas online incentivam a produção e a divulgação de obras durante a quarentena. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 maio 2020. Na Quarentena, H1.

_____. Fé em tempos de isolamento: situações limite podem ampliar - ou comprometer – a realidade. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 22 maio 2020. Na Quarentena, H1.

COUTO, Miã. Poesia e Ciência. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 maio 2020. Na Quarentena, H1. Entrevista concedida a Ubiratan Brasil.

DE MASI, Domenico. Combatendo o ócio depressivo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2020. Na Quarentena, H8. Entrevista concedida a Maria Fernandes Rodrigues.

DEL RÉ, Adriana. Compor em tempos de pandemia. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08 nov. 2020. Na Quarentena, H1.

_____. O disco da quarentena: Adriana Calcanhoto lança Só, com canções de isolamento. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 08 nov. 2020. Na Quarentena, H7.

FERRARI, Leon. Covid avança em 24 Estados e no DF e casos dobram em duas semanas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 jun. 2022. MetrÓpole, A17.

HARARI, Noah Yuval. *Notas sobre a pandemia e breves soluções para o mundo pós-coronavírus*. Trad. Odorico Leal. São Paulo: Cia das Letras, 2020.

JUDAR, Cristina; DI GIACOMO, Fred (Orgs). *Pandemônio: nove narrativas entre São Paulo – Berlim*. São Paulo: PANdemônio edições, 2020.

MAFEZOLLI, Elisiane; ALBERTON, Gisele Bus; ALVES, Luana Franciele Fernandes (Orgs). *Contos da quarentena*. Brusque: Ed. UNIFEBE, 2020.

MARIA, Julio. As expansões de Pedro Camargo Mariano refletidas em “Novo Capítulo”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 maio 2022. Cultura & Comportamento, C1.

METAMORFOSE do perfil do consumidor. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 03 jan. 2021. Economia, B8.

MIRABAI, Gisele. *Ana de Corona*. São Paulo: Ciao Editorial, 2020.

MORICONI, Ítalo. Ítalo Moriconi: “Já existe uma literatura da pandemia”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 21 mar. 2021. Entrevista concedida a Bolívar Torres.

MUNHOZ, Felipe P. *Lanternas ao Nirvana*. São Paulo: Ed. Record, 2022.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *Quarenta em quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020

POLESSO, Nathalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PUPPI, Ubaldo. O trágico: experiência e conceito. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, vol.4, p.41-50, 1981.

PROVENZI, Camila; ROCHA, Carolina (Org.). *Quarentenas: textos de uma quarentena criativa*. Canoas: Palavra Bordada, 2020.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da Literatura Brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ROSP, Rodrigo; KRAUS, Barbara; FARAON, Gustavo. *Retratos da vida em quarentena*. São Paulo: Ed. Elefante, 2020.

RUZZI, Maurizio, *Quarentena: contos isolados*. São Paulo: Skull Editora, 2020.

SABOTA, Guilherme. Pandemia em prosa: escritores buscam inspiração no momento para produzir obras diferentes e vibrantes. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 13 jun.2020. Na Quarentena, H1.

SILVA JUNIOR, Gonçalo. Cresce número de famílias em situação de rua. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 31 de janeiro 2022. A18.

SOBRINHO JUNIOR, João Ferreira; MORAES, Cristina de Cássia Pereira. Entre as luzes e a escuridão: o florescer das obras e inovações em tempos de pandemia. *Dimensões*, Vitória, no.46, p.163-186, 2021.

STIGGER, Veronica, Aurora. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 abr.2020. Na Quarentena, H1.

TAVARES, Gonçalo M. *Diário da peste: o ano de 2020*. Lisboa: Relógio d'água, 2021.

TERRON, Joca Reiners. *O riso dos ratos*. São Paulo: Todavia, 2021.

TOKARCZUK, Olga. Mistério real. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 maio 2020. Na Quarentena, H1. Entrevista concedida a Maria Fernandes Rodrigues.

TUHLINSKI, Camila. Diário de uma pandemia: projeto virtual do Museu da Língua Portuguesa incentiva escrever sobre vivências na quarentena. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 jul.2020. Na quarentena, H7.

VÁRIOS AUTORES. *Contos da quarentena*. Curitiba: Kotter Editorial, 2020. 3 vol.

WOLF, Giovanna. Sessões monotemáticas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 maio 2020. Na Quarentena, H1.

ZIZEK, Slavoj. *Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comunismo*. São Paulo: Boitempo, 2020.

Recebido em 20/06/2022

Aceito em 01/07/2022